

TRAGÉDIA NO SUL

Frio intenso aumenta o drama dos gaúchos

Meteorologia prevê média de 15°C até o domingo. Primeira-dama Janja faz campanha por agasalhos e cobertores, e temor é porque os abrigos não estão preparados para enfrentar as baixas temperaturas — sobretudo as manhãs geladas

» ALINE GOUVEIA
 » PEDRO JOSÉ*

Mais um elemento pode agravar a situação da população do Rio Grande do Sul: o frio. Segundo a Climatempo, a previsão para os próximos dias em todo o estado é de baixas temperaturas, começando a subir apenas no próximo domingo — cuja máxima prevista é de 17°C. Até lá, média ao longo dos dias é de 15,2°C.

Os gaúchos amanheceram, ontem, com um frio recorde neste ano — nada menos que 5°C em média, por volta das 6h. Segundo o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), quatro das seis menores temperaturas registradas foram no estado: Quaraí (0,2°C), São José dos Ausentes (1°C), Santana do Livramento (1,9°C) e Vacaria (2°C) (veja ilustração ao lado).

O geógrafo Sebastian Fuentes alertou que as baixas temperaturas podem potencializar a tragédia dos gaúchos, uma vez que um grande número de pessoas está desalojada e desabrigada,



O frio chegou e as pessoas que perderam tudo estão recebendo doações de roupas e cobertores quentinhos para se protegerem. Mas preciso de muito mais"

Primeira-dama Janja, pedindo doativos contra baixas temperaturas

vivendo com condições precárias. "Pessoas que foram resgatadas e estão em abrigos não têm condições de aguentar essa onda de frio. Sobretudo porque elas não têm vestimenta adequada e esse locais carecem de calefação", advertiu. Segundo os serviços de meteorologia, as baixas temperaturas no Rio Grande do Sul nesta época ocorrem por

conta de um fortalecimento da chamada Massa Polar Atlântica.

Por conta da onda de frio, depois de visitar um abrigo de refugiados em São Leopoldo, a primeira-dama Janja Lula da Silva publicou um vídeo nas redes sociais direcionando as doações aos gaúchos para artigos que resistam às baixas temperaturas. "O frio já chegou ao Rio Grande do Sul e as milhares de pessoas que perderam tudo estão recebendo doações de roupas e cobertores quentinhos para se protegerem das baixas temperaturas. Mas ainda preciso de muito mais", pediu Janja. Segundo ela, a prioridade agora passa a ser a arrecadação de colchões, cobertores e agasalhos.

O balanço da Defesa Civil do Rio Grande do Sul, divulgado ontem, aponta que a tragédia que assola o estado deixou 149 mortos, 108 desaparecidos, 452 municípios afetados, pouco mais de 538 mil desalojados e 76.580 pessoas em abrigos.

Estagiário sob a supervisão de Fábio Grecchi

Termômetros desabam

A previsão do frio está cada vez pior. Veja as 13 menores temperaturas mínimas e sensação térmica



1 Quaraí: temperatura mínima de 0,2°C e sensação térmica de -4,0°C

2 São José dos Ausentes: temperatura mínima de 1°C e sensação térmica de 1°C

3 Santana do Livramento: temperatura mínima de 1,9°C e sensação térmica de -1°C

4 Vacaria: temperatura mínima de 2°C e sensação térmica de -2°C

5 Canela: temperatura mínima de 2,2°C e sensação térmica de -3°C

6 Soledade: temperatura mínima de 2,6°C e sensação térmica de 2°C

7 Cambará do Sul: temperatura mínima de 2,6°C e sensação térmica de -5°C

8 Bagé: temperatura mínima de 2,7°C e sensação térmica de 0°C

9 Lagoa Vermelha: temperatura mínima de 3,2°C e sensação térmica de -1°C

10 Bento Gonçalves: temperatura mínima de 3,6°C e sensação térmica de 1°C

11 Canguçu: temperatura mínima de 3,8°C e sensação térmica de -9°C

12 Santiago: temperatura mínima de 3,9°C e sensação mínima de 3°C

13 São Gabriel: temperatura mínima de 4°C e sensação térmica de 3°C

Fonte: Inmet

Refugiados, preocupação a mais

» VINICIUS DORIA

» Cúpula debate racismo a migrante

Nos próximos dias, serão desembarcados no Rio Grande do Sul 100 kits para montar um tipo de abrigo temporário, chamado tecnicamente de unidade habitacional para refugiado (RHU, na sigla em inglês), um misto de tenda e casa pré-fabricada. Os equipamentos estão vindo da Colômbia. Essa é uma das medidas que a Agência das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) coordena para dar assistência a cerca de 42 mil estrangeiros que vivem no Rio Grande do Sul, sob proteção do governo brasileiro.

A Acnur não tem um balanço de quantos refugiados foram afetados pelas enchentes que arrasaram o estado, mas, com a ajuda de parceiros brasileiros, busca identificar cada um deles nos abrigos públicos e nas listas de desalojados das prefeituras. Cerca de 35 mil integram o Cadastro Único de Programas Sociais (CadÚnico), o que facilita a identificação e a localização.

"É uma tragédia na tragédia. Eles vêm de perseguição política, violência ou catástrofes naturais em seus países. Agora, precisam sobreviver a mais esse drama", disse a oficial de Proteção do Acnur Brasil, Silvia Sander.

O escritório está preocupado com a segurança dos refugiados que estão em abrigos públicos e com as dificuldades que enfrentam para garantir a subsistência das famílias. Há, inclusive, relatos de xenofobia e racismo sofridos pelos imigrantes.

Nacionalidades

Mais da metade dos refugiados no Rio Grande do Sul é venezuelana. São 29 mil pessoas registradas no Brasil que deixaram o país vizinho por perseguição política ou para fugir da

Brasília recebe, entre hoje e amanhã, representantes dos países latino-americanos para a Segunda Consulta Temática do processo de Cartagena+40 — mecanismo consultivo sobre a questão dos refugiados no continente. As Nações Unidas identificaram, nos últimos anos, um movimento sem precedentes de deslocamento de pessoas na América Latina — são 23 milhões de pessoas que deixaram suas cidades de origem e 973 mil com status de refugiados. Os principais responsáveis por esse fenômeno na América do Sul são Venezuela, Colômbia e Equador. Para o chefe de Relações Externas da Acnur nas Américas, Juan Carlos Murillo, a xenofobia e o racismo são os maiores problemas para os migrantes. "Infelizmente, a reação das pessoas (aos estrangeiros) tem mais a ver com a cor da pele. É uma situação perversa com os migrantes, que acabam sendo bodes expiatórios de outros problemas da sociedade", lamenta.

grave crise econômica da Venezuela. Depois, estão haitianos (12 mil pessoas) e cubanos (1,3 mil).

Quando as chuvas começaram a provocar estragos no Rio Grande do Sul, há quase duas semanas, os parceiros da Acnur no estado iniciaram a mobilização para dar assistência aos estrangeiros. Muitos deles ainda têm dificuldade com o português e entender as mensagens do poder público sobre situações de emergência. Outra prioridade dessa rede de proteção é viabilizar a emissão de documentos perdidos nas enchentes.

"A Acnur também tem um

grupo com mais de 50 organizações comunitárias lideradas por refugiados — como a Associação de Haitianos no Rio Grande do Sul. Essas organizações começaram a receber pedidos de apoio e oferta de solidariedade. Estamos mapeando os abrigos", explicou Silvia.

A chegada das unidades residenciais provisórias — comuns em campos de refugiados no mundo inteiro — indica a preocupação das Nações Unidas com a duração da crise humanitária gaúcha. Após as águas baixarem, haverá um longo período de reconstrução. Prefeitos já falam em mudar bairros inteiros de lugar. E os abrigos públicos que estão recebendo desalojados funcionam de forma improvisada, sem estrutura para longas permanências. Por isso, a Acnur quer providenciar locais com infraestrutura para acolher as pessoas por vários meses, se for necessário.

A Acnur ainda negocia com as prefeituras e com o governo gaúcho um local para montar a "cidade dos deslocados". Como cada habitação temporária pode receber até duas famílias de quatro pessoas, o complexo poderá abrigar uma população de cerca de 800 refugiados por um período mais longo.

Outra medida, essa voltada para a segurança dos estrangeiros, é a possibilidade de organizar abrigos exclusivos para essas populações, que sofrem racismo e xenofobia. A agência da ONU está mapeando os locais onde essas violações estão acontecendo para ter uma dimensão do problema.

"Xenofobia, racismo e outras discriminações têm gerado conflito nos abrigos. À medida em que esses espaços seguem de forma improvisada, riscos de violação tendem a aumentar", lamentou Silvia.

Para Marina, futuro é das "cidades resilientes"

Diogo Zacarias/MMAMC



A ministra Marina Silva (Meio Ambiente e Mudança do Clima) acredita que a tragédia no Rio Grande do Sul mostra a necessidade de se "criar cidades resilientes" diante das mudanças climáticas. Em entrevista à AFP, ela deixa claro que há uma nova realidade e que o futuro de curto prazo é de adaptação a essa nova "normalidade". "A gente ouvia as indicações da ciência, os reclames do bom-senso, dizendo que isso ia acontecer. Chegou o tempo em que a gente vê isso acontecendo em

três dimensões: na forma de enchentes atarradas, ondas de calor e momentos de grandes secas. As mudanças climáticas já chegaram. Infraestrutura e cidades que sejam resilientes, ter planos de fazer o gerenciamento do risco e não apenas do desastres", explicou. Segundo Marina, o impacto da situação atual poderia ser menor se não fosse o negacionismo. "Tudo isso tem a ver com uma visão que paralisou políticas durante quatro anos", disse, em crítica ao governo de Jair Bolsonaro.